

**TEODORICO RAPOSO E OS INTERESSES BURGUESES EM *A RELÍQUIA*, DE
EÇA DE QUEIRÓS**

**TEODORICO RAPOSO AND THE BOURGEOIS INTERESTS IN *THE RELIC* BY
EÇA DE QUEIRÓS**

Jean Carlos CARNIEL¹

RESUMO: Objetiva-se, neste artigo, uma análise da narrativa *A relíquia* (1887), do autor português Eça de Queirós (1845-1900), utilizando-se a teoria do romance. A partir dos pressupostos teóricos de Lukács, em *A teoria do romance* (2000) e em “O romance como epopeia burguesa” (2011), e de pressupostos críticos de outros autores, como Goldmann (1976), Pasero (2000), Schwarz (2000), Hobsbawm (2007) e Santos (2014), entre outros, almeja-se evidenciar algumas das características da burguesia presentes nessa obra de Eça de Queirós, concentrando-se, principalmente, no percurso do personagem Teodorico Raposo e em seus interesses burgueses.

PALAVRAS-CHAVE: A relíquia, Teodorico Raposo, Burguesia, Eça de Queirós.

ABSTRACT: In this work, we aim to analyze the narrative *The Relic* (1887) by the Portuguese author Eça de Queirós (1845-1900), using the theory of the novel. Based on Lukács’ theoretical assumptions in *The theory of the novel* (2000) and in *The novel as the bourgeois epic* (2011), and critical assumptions by other authors, such as Goldmann (1976), Pasero (2000), Schwarz (2000), Hobsbawm (2007) and Santos (2014), among others, we aim to highlight some of the characteristics of bourgeois present in this work by Eça de Queirós, focusing mainly on the character Teodorico Raposo and his bourgeois interests.

KEYWORDS: The Relic, Teodorico Raposo, Bourgeois, Eça de Queirós.

Introdução

Ao analisar o século XIX, Eric Hobsbawm ressalta que o romance é o gênero literário que “achou uma forma possível de adaptar-se àquela sociedade burguesa cuja ascensão e crises formavam o assunto preferido dos escritores” (HOBSBAWM, 2007, p. 385). De forma análoga, Gyorgy Lukács afirma que “o romance literário é o gênero mais típico da sociedade burguesa” (LUKÁCS, 2011, p. 193). Por sua vez, o modelo de sociedade burguesa² seria pautado pela liberdade e individualidade do homem, pois, como destaca Lukács (2011), com a fragmentação

¹ Unesp/IBILCE – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (Ibilce). São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: jean.carniel@unesp.br.

² Neste trabalho, o conceito de sociedade burguesa pode ser entendido também como o de sociedade moderna. Pautando-se nas considerações de Max Weber, Octavio Ianni afirma que “a sociedade moderna formada com o capitalismo moderno organiza-se e dinamiza-se com base na racionalização crescente das ações sociais, nas mais distintas instituições e organizações” (IANNI, 2003, p. 18-19).

da sociedade tribal (modelo de sociedade feudal), as ações de um sujeito não poderiam mais representar o desejo de uma comunidade. Ocorre então a individualização do sujeito que, nas palavras de Lukács, seria um “indivíduo problemático”, pois, de acordo com este intelectual, “o romance é a epopeia de uma era [...] para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática [...]” (LUKÁCS, 2000, p. 55). Podemos entender o “indivíduo problemático” como um personagem que está em desacordo com as expectativas da sociedade. Além do mais, há um conflito quando este personagem olha para si e percebe que suas expectativas não correspondem com aquilo que a sociedade espera dele.

Lukács também aponta que “é no romance que todas as contradições específicas desta sociedade são figuradas do modo mais típico e adequado” (LUKÁCS, 2011, p. 193). Isso significa que o homem não consegue se reconhecer no mundo, uma vez que o indivíduo só tem uma realização prática sobre o mundo, quando age. Portanto, de acordo com Lukács (2011, p. 205), a ação seria a única forma de representar a relação do homem com a sociedade, e é com a ação que se dá a consciência do homem e a visibilidade das contradições sociais. Nesse sentido, consideramos válidas as afirmações de Claudio Magris. Este intelectual ressalta que “o romance é com frequência uma mistura de celebração e crítica da modernidade” (MAGRIS, 2009, p. 7).

Em *A relíquia*, de Eça de Queirós, percebe-se uma crítica à burguesia. Ressalta-se nessa obra o caráter materialista oitocentista, principalmente da parte do personagem Teodorico Raposo, que é um arrivista.

Para a compreensão do que seria o homem burguês, retomamos às reflexões de Hobsbawm. De acordo com esse pesquisador, a burguesia é composta por um

corpo de pessoas com poder e influência independentemente do poder e influência derivados de nascimento ou *status*. Para pertencer a ela, um homem tinha de “ser alguém”; uma pessoa que contasse como *indivíduo*, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar outros homens, ou de influenciá-los” (HOBSBAWM, 2007, p. 339, grifos do autor).

Na narrativa *A relíquia* (1887), do autor português Eça de Queirós, o personagem Teodorico Raposo age com a intenção de se beneficiar financeiramente, disputando um jogo de interesses com sua tia, Dona Maria do Patrocínio das Neves, que administra financeiramente a vida de Teodorico. Dessa forma, podemos constatar que uma das forças motrizes desse personagem queirosiano é o interesse pela ascensão social, que também é uma das características da sociedade burguesa. Portanto, decidimos analisar esse texto, concentrando-nos nos interesses burgueses do personagem Teodorico Raposo, pois, segundo Magri (2009, p. 8), “o romance também é impensável sem a nova função do dinheiro, que nasce com a ascensão

da burguesia. O dinheiro se torna um protagonista da literatura”. Ou seja, no romance moderno, as questões envolvendo o dinheiro ocupam um papel central.

Além do mais, ao analisar *A relíquia*, atentar-nos-emos, aos anseios do personagem Teodorico, observando quais são as motivações específicas desse sujeito e como as suas ações estabelecem contato com a sociedade burguesa. É possível verificar que a construção desse personagem dialoga com as acepções sobre o indivíduo problemático de Lukács, pois, Teodorico, como veremos, apresenta uma inadequação ao seu papel social e almeja a ascensão.

Por fim, cabe mencionar que Lucien Goldman reconhece que o romance é um gênero complexo e que seu advento se deu “durante séculos, nos escritores mais diferentes, nos países mais diversos, tornando-se a forma por excelência em que se exprime, no plano literário, o conteúdo de toda uma época” (GOLDMANN, 1976, p. 16). O surgimento desse gênero coincidiria, segundo esse estudioso, ao período de ascensão da burguesia e do advento do capitalismo, sendo o romance uma forma de expressão artística desse modelo de sociedade.

Portanto, ao analisarmos uma narrativa portuguesa do século XIX, devemos lembrar que Portugal, nesse século, pode ser considerado um país semiperiférico do sistema capitalista, como explicado por Boaventura de Sousa Santos, pois, para ele, “Portugal era o centro em relação às suas colônias e a periferia em relação à Inglaterra [e também à França]” (SANTOS, 1994, p. 58).

A sociedade burguesa em *A relíquia*

A narrativa *A relíquia*, de Eça de Queirós, foi publicada, inicialmente, em folhetim, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, no período de 24 de abril a 10 de junho de 1887, e, nesse mesmo ano, foi publicada em volume. Teodorico Raposo, órfão de pais, vai morar na casa de sua tia, D. Maria do Patrocínio das Neves, mulher devota e rica. Na tentativa de herdar o dinheiro dela, Teodorico aparenta ser religioso e, após passar por uma frustração amorosa e perceber que Dona Patrocínio das Neves pretende deixar a herança para a Igreja, faz uma viagem à Terra Santa, com a intenção de trazer uma relíquia para ela, fazendo com que a tia mude de ideia. Ao longo da viagem, Teodorico conhece o Doutor Topsius, um historiador alemão que também está a caminho da Terra Santa, com o objetivo de escrever livros arqueológicos. Ao chegar a Alexandria, no Egito, Teodorico também conhece uma prostituta inglesa chamada Miss Mary, passando a ter com ela uma relação amorosa. Ao se despedir, Mary oferece sua camisola a Teodorico, como uma lembrança dos dias que passaram juntos. Já no Oriente Médio, Raposo decide levar para a tia uma coroa de espinhos que, supostamente, seria a mesma utilizada por Jesus. Próximo de Jerusalém, Teodorico e Topsius retomam,

insolitamente, ao dia da crucificação de Jesus e verificam que Cristo não teria ressuscitado. Após terminar a sua romaria, Teodorico volta a Portugal e entrega a relíquia para a tia. Ao abrir a embalagem que guardaria a coroa de espinhos, Dona Patrocínio das Neves depara-se com a camisola de Mary. Diante disso, a tia expulsa o sobrinho de casa e ele passa a viver como um vendedor de relíquias. Ressalta-se que, no retorno, há uma troca de embrulhos, pois Teodorico dá para uma pedinte o embrulho que, supostamente, conteria a camisola de Mary, mas entrega a ela a embalagem com a coroa de espinhos.

Como já afirmamos, Portugal pode ser considerado um país da semiperiferia do capitalismo, segundo a aceção de Santos (2014), portanto, é perceptível que algumas características da sociedade burguesa portuguesa sejam peculiares, diferenciando-se de países centrais do capitalismo. Carlos Alberto Pasero (2000), ao analisar *A relíquia*, afirma que essa narrativa é construída “com base nas estratégias de comportamento social da burguesia portuguesa de meados do século [XIX], muito características, uma atitude de imobilidade manifesta e de mimetização com as práticas da aristocracia” (PASERO, 2000, p. 174). Ou seja, nessa obra queirosiana, o modelo capitalista burguês convive ainda com traços da antiga aristocracia. Além disso, Pasero (2000, p. 175) discorre que, em *A relíquia*, existiriam dois modelos de burguesia: A rentística e a industrial.

Para esse pesquisador, no primeiro modelo, haveria o benefício do livre câmbio, no qual temos por representantes o comendador Godinho, tio de D. Patrocínio das Neves, que herda terras de antigos aristocratas; o pai de Teodorico, que consegue um emprego, por influência eclesiástica; e a tia Patrocínio das Neves. Com esses exemplos, percebemos que o acúmulo de capital se dá pela herança ou pelo apadrinhamento, e não pelo trabalho árduo, aproximando-se da aristocracia, tal como defende Pasero (2000). No segundo modelo, o representante seria Crispim, dono de uma grande empresa. No entanto, nesse estudo, concentrar-nos-emos no primeiro modelo.

Também consideramos pertinentes as considerações de Roberto Schwarz, ao analisar a figura do “homem livre”, pois, o estudioso afirma que o acesso à vida social desses sujeitos “e a seus bens dependem materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande” (SCHWARZ, 2000, p. 16, grifo do autor). Apesar de Schwarz referir-se ao modelo social brasileiro, tal apontamento também poderia ser aplicável, a nosso ver, nessa narrativa portuguesa, uma vez que o comendador Godinho, que herdou a casa de condes; o pai de Teodorico, que conseguiu o cargo de diretor da Alfândega de Viana por intermédio da amizade de um eclesiástico e Teodorico Raposo, que vive com a tia, podem se aproximar da figura do agregado e são

representantes de uma pequena burguesia rentística, tal como apresentamos acima. Inclusive, fica evidente a ironia do nome da tia (Patrocínio), que sustenta financeiramente o sobrinho.

Teodorico Raposo e o desejo pela ascensão social

Teodorico Raposo é o narrador e o personagem-protagonista da narrativa queirosiana. Ele é movido a escrever as suas memórias pelo desejo de deixar registrado para a posteridade o que seria, para ele, uma lição a ser aprendida. No início da obra, ele afirma: “Decidi compor [...] as memórias da minha vida — que neste século, tão consumindo pelas incertezas da inteligência e tão angustiado pelos tormentos do dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte” (QUEIRÓS, 2014, p. 13). Com esse trecho, podemos estabelecer um diálogo com as seguintes afirmações de Lukács: “a extensão do mundo é limitada pela extensão das experiências possíveis do herói, e o conjunto dessas últimas é organizado pela direção que toma o seu desenvolvimento rumo ao encontro do sentido da vida no autoconhecimento” (LUKÁCS, 2000, p. 83). De acordo com o intelectual, o conjunto de experiências vivenciada pelo herói leva-o ao autoconhecimento.

Por seu turno, em *A relíquia*, Teodorico filtra as suas memórias, e esses relatos fazem parte do conjunto de experiências que leva ao autoconhecimento. No entanto, há uma ironia advinda de uma percepção sobre a sociedade burguesa, pois, para Teodorico, a sua experiência serviria de exemplo para todos, mas o exemplo pessoal nunca se constitui como um modelo, pois, como explicado anteriormente, a sociedade burguesa se tornou individualizada. Os desejos de um indivíduo, portanto, não representam os anseios de uma comunidade como um todo.

Ademais, no trecho inicial da narrativa, observa-se o caráter materialista do século XIX, já que esse século seria caracterizado pelos “tormentos do dinheiro”, que seria força motriz nas relações humanas e da sociedade burguesa. Ao longo da obra, é reforçada a importância do dinheiro, como na passagem abaixo, quando Teodorico vai morar com a tia:

Assim eu fui sabendo que ela padecia do fígado; tinha sempre muito dinheiro em ouro numa bolsa de seda verde; e o Comendador Godinho, tio dela e da minha mamã deixara-lhe duzentos contos em prédios, em papéis, e a quinta do Mosteiro ao pé de Viana, e pratos e louças da Índia... Que rica que era a Titi! Era necessário ser bom, agradar sempre à Titi! (QUEIRÓS, 2014, p. 26-27).

Nota-se a preocupação de Teodorico em obedecer à Dona Patrocínio das Neves, pois, para ele, agradá-la é também uma forma de conquistar o dinheiro. No entanto, ao saber que Dona Patrocínio planeja deixar a herança para a Igreja, Teodorico tem como missão fazer com

que ela mude de ideia: “Porque agora, eu estava bem decidido a não deixar ir para Jesus, filho de Maria, a aprazível fortuna do comendador G. Godinho. Pois quê!” (QUEIRÓS, 2014, p. 48). Diante disso, podemos estabelecer contato com as considerações de Lukács, ao afirmar que “a ação do romance é dominada pela necessidade” (LUKÁCS, 2011, p. 211), pois as ações de Teodorico são pautadas pelo desejo de ascensão social, uma vez que almeja beneficiar-se e usufruir daquilo que o dinheiro pode comprar.

Assim, ao trazer a coroa de espinhos que, supostamente, seria a mesma usada por Jesus em sua crucificação, ele espera, com esse ato, tornar-se o herdeiro, nem que, para isso, tenha de falsificar a relíquia, evidenciando, também, que a camaradagem pode ser um elemento favorável para se alcançar os interesses, pois, no Oriente Médio, ele tivera a ajuda do Doutor Topsius:

— Que pena! A Titi fazia tanto gosto que fosse daqui, Topsius! A Titi é tão rica!...

Então este sagaz filósofo [Topsius] compreendeu que há razões de família como há razões de Estado, e foi sublime. Estendeu a mão por cima da árvore, cobrindo-a assim largamente com a garantia da sua ciência, e disse estas palavras memoráveis:

— D. Raposo, nós temos sido bons amigos... Pode pois afiançar à senhora sua tia, da parte de um homem que a Alemanha escuta em questões de crítica arqueológica, que o galho que lhe levar daqui, arranjado em coroa, foi...

— Foi? — berrei ansioso.

— Foi o mesmo que ensanguentou a cara do Rabi Jeschoua Natzarieh, a quem os latinos chamam Jesus de Nazaré, e outros também chamam o Cristo!... (QUEIRÓS, 2014, p. 121-122).

Por sua vez, Lukács afirma que “o processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo” (LUKÁCS, 2000, p. 82). Para ele, esse indivíduo buscaria o autoconhecimento e, somente após alcançá-lo, é que ele encontraria o sentido de sua vida. Em *A relíquia*, o autoconhecimento de Teodorico se dá quando ele percebe que teve suas ambições e planos prejudicados por não ter contado uma mentira:

Eu tinha uma compreensão mais positiva da vida; e sentia bem que fora esbulhado dos contos de G. Godinho simplesmente por me ter faltado no oratório da Titi — a coragem de afirmar!

Sim! Quando em vez de uma coroa de martírio aparecera, sobre o altar da Titi, uma camisa de pecado — eu deveria ter gritado, com segurança: "Eis aí a relíquia! Quis fazer a surpresa... Não é a coroa de espinhos. É melhor! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no deserto..." (QUEIRÓS, 2014, p. 269).

Portanto, se Teodorico Raposo tivesse afirmado que a relíquia trazida para a tia era a camisola de Maria Madalena, ele teria alcançado as suas ambições: “A tia Patrocínio cairia

sobre o meu peito, chamando-me ‘seu filho e o seu herdeiro’” (QUEIRÓS, 2014, p. 270). Ademais, o personagem Teodorico, no processo de escrever suas memórias, reconhece que a viagem à Terra Santa foi um dos acontecimentos mais importantes de sua existência, por permitir uma maior compreensão da vida, chegando a reconhecer que fracassara por não ter tido a coragem de afirmar uma mentira. Ou seja, a própria viagem faz parte do processo de autoconhecimento desse personagem.

No entanto, Teodorico reconhece a hipocrisia da sociedade burguesa e do valor da mentira, pois ele revolta-se ao saber que sua tia lhe deixara de herança apenas um par de óculos, enquanto o restante das posses fora dividido entre os padres. O descontentamento do sobrinho agrava-se quando ele descobre que um dos padres herdeiros teria mantido uma relação amorosa com sua antiga amante Adélia.

Depois de expulso da casa de Dona Patrocínio, Teodorico torna-se um vendedor de relíquias. No início, seu negócio prospera, mas, tempos depois, fracassa devido à quantidade excessiva de objetos vendidos. A situação de Teodorico somente melhora quando ele encontra Crispim, um antigo amigo do tempo do colégio, que lhe oferece um emprego em uma fábrica de fiação. Em uma conversa com o velho camarada, ele diz:

— De modo, Crispinzinho da minha alma, que aqui me encontro sem pão!
Crispim & Cia. [...] murmurou que em Portugal, graças à Carta e à Religião,
todo o mundo tinha uma fatia de pão; o que a alguns faltava era o queijo.
— Ora o queijo dou-to eu, meu velho! (QUEIRÓS, 2014, p. 265).

Temos aqui uma crítica à sociedade materialista do Oitocentos, pois Crispim afirma que todo mundo teria uma fatia de pão e o que lhes faltariam seria o queijo. Dessa forma, podemos interpretar tal afirmação como uma reflexão de que, em Portugal, todos vivem com o mínimo (o pão) e poucos têm a oportunidade de ascender socialmente. No caso de Teodorico, a ascensão se daria por meio de um padrinho, pois, posteriormente, ele se casa com Jesuína, irmã de Crispim, mas a relação entre eles não é pautada pelo amor, e sim pelo interesse.

Ao referir-se à esposa, Teodorico afirma: “– [Não sinto] Amor, amor, não.. Mas acho-a um belo mulherão, gosto-lhe muito do dote; e havia de ser um bom marido” (QUEIRÓS, 2014, p. 267). Portanto, o casamento seria também um meio para se alcançar os interesses pessoais, e Crispim, de certa forma, serve como mediador do arrivismo de Teodorico, pois é por meio do casamento arranjado que este consegue a tão almejada ascensão social.

Cabe ainda pontuar que, no fim da narrativa, por meio de uma voz que inicialmente pensa ser de Jesus, Raposo tem noção de uma consciência que existe em cada um dos homens: “Eu não sou Jesus de Nazaré, nem outro deus criado pelos homens [...] Chamo-me consciência; sou neste instante a tua própria consciência refletida fora de ti” (QUEIRÓS, 2014, p. 263-264).

A voz que seria a consciência de Teodorico pontua os erros cometidos por ele, como a ambição pelo dinheiro e a falsidade na relação entre tia e sobrinho:

O deus a que te prostravas era dinheiro de G. Godinho; e o céu para que os teus braços trementes se erguiam — o testamento da Titi... Para logreres nele o lugar melhor, fingiste-te devoto, sendo incrédulo; casto, sendo devasso; caridoso, sendo mesquinho; e simulaste a ternura de filho, tendo só a rapacidade de herdeiro... Tu foste ilimitadamente o hipócrita! Tinhas duas existências: uma ostentada diante dos olhos da Titi, toda de rosários, de jejuns, de novenas; e longe da Titi, sorratamente, outra, toda de gula, cheia da Adélia e da Benta... Mentiste sempre; e só eras verdadeiro para o céu, verdadeiro para o mundo, quando rogavas a Jesus e à Virgem que rebentassem depressa a Titi. Depois resumiste esse laborioso dolo de uma vida inteira num embrulho — onde acomodaras um galho, tão falso como o teu coração; e com ele contavas empolgar definitivamente as pratas e prédios de D. Patrocínio! Mas noutro embrulho parecido trazias pela Palestina, com rendas e laços, a irrecusável evidência do teu fingimento... Ora, justiceiramente aconteceu que o embrulho que ofertaste à Titi e que a Titi abriu — foi aquele que lhe revelava a tua perversidade! E isto prova-te, Teodorico, a *inutilidade da hipocrisia!* (QUEIRÓS, 2014, p. 262, grifos do autor).

Tem-se aqui a afirmação de que Teodorico falhou em suas causas, isto é, não conseguiu herdar o dinheiro da tia, por não ter sabido lidar com as expectativas da sociedade, além de mostrar que a hipocrisia seria inútil, pois a falsidade se mostra vã, e as mentiras simuladas por ele não bastaram para que alcançasse a sua ambição, porque ele não conta uma mentira, no momento em que isso seria necessário. Em um dos poucos episódios em que Teodorico diz a verdade, ele acaba sendo prejudicado, reconhecendo-se a inutilidade da hipocrisia.

Como já destacamos, Teodorico só ascende socialmente após o casamento com Jesuína, irmã de Crispim:

Casei. Sou pai. Tenho carruagem, a consideração do meu bairro, a comenda de Cristo. E o Doutor Margaride [...] afirma que o Estado, pela minha ilustração, as minhas consideráveis viagens e o meu patriotismo — me deve o título de Barão do Mosteiro. Porque eu comprei o *Mosteiro* (QUEIRÓS, 2014, p. 267-268).

Teodorico finalmente alcança alguns de seus desejos burgueses, tais como ter uma casa; inclusive é a antiga residência de sua tia que ele compra de um dos padres que herdara o dinheiro de Dona Patrocínio das Neves. Ele também parece estar satisfeito com a vida que leva, pois tem a consideração de seu bairro e é reconhecido socialmente, o que nos remete à definição de Hobsbawm sobre o homem burguês (2007), isto é, Teodorico agora “é alguém”, por ser rico e por influenciar pessoas, afinal ele tem a reconsideração do seu bairro. Portanto, Teodorico alcança o acúmulo de capital e o prestígio, tão caros aos valores burgueses.

Considerações finais

Ao longo da análise, buscamos apontar algumas características do personagem Teodorico Raposo. Ele é um sujeito que está em conflito com a sociedade e consigo, tendo algumas de suas ambições frustradas por não ter sabido manipular o jogo social que lhe foi imposto. Se, por um lado, ele aparenta ser um religioso, por outro, ele mantém uma relação carnal com várias mulheres, e contraria as expectativas de sua tia.

O sobrinho não conseguiu ascender socialmente na condição de agregado de Dona Patrocínio, porém, somente após se aproximar de um antigo camarada e se casar com Jesuína é que Teodorico consegue a tão desejada ascensão social, também por meio de um gesto de camaradagem e, de certa forma, apadrinhamento por parte de Crispim, seu cunhado. Concluimos que a ascensão de Teodorico só foi possível porque ele aprendeu a manipular as regras da sociedade, isto é, ele casou-se por interesse, uma vez que não amava Jesuína.

Ademais, é possível observar as contradições da sociedade burguesa nessa obra de Eça de Queirós, já que a hipocrisia, mesmo que de forma inútil, e a ambição pelo dinheiro seriam forças motrizes nas relações humanas. *A relíquia*, portanto, é uma crítica à burguesia, evidenciando que, para se ter sucesso nas relações, não basta reconhecer os valores burgueses, é preciso saber manipulá-los para o próprio interesse.

REFERÊNCIAS

- GOLDMANN, Lucien. Introdução aos Problemas de uma Sociologia do Romance. *In: _____*. **Sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital: 1848-1875**. 12. ed. Trad. Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade mundo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LUKÁCS, Gyorgy. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- _____. O romance como epopeia burguesa. *In: _____*. **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-197**. 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- MAGRIS, Claudio. **O romance, 1: A cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2009.
- PASERO, Carlos Alberto. Reflexos no oriente: aristocracia e industrialização n'“A relíquia” de Eça de Queirós. *In: Veredas*. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Porto, vol. 3. 2000, p. 171-183. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/33931>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- QUEIRÓS, Eça de. **A relíquia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.